

AVALIAÇÃO DO USO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

ASSESSMENT OF MEDICATION USE IN STUDENTS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

EVALUACIÓN DEL USO DE MEDICAMENTOS EN ESTUDIANTES DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19

✉ Mariana Rabelo Pimentel¹ e ✉ Werlissandra Moreira de Souza²

RESUMO

Avaliar a automedicação em estudantes da área de humanas durante a pandemia de COVID-19. O estudo foi conduzido na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Dos 863 discentes da área de humanas que atenderam os critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, 270 estudantes formaram a amostra. Um questionário foi aplicado abordando características demográficas, conhecimentos, causas e práticas da automedicação. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFOB, CAAE nº 59217822.0.0000.8060. A maioria dos participantes tinha entre 18 e 24 anos, predominantemente do sexo feminino e solteiros. Embora a maioria ter relatado conhecimento, o resultado do questionário evidenciou pouco conhecimento ou conhecimento insuficiente. As principais causas para a automedicação foram medo de infecção e influência de amigos e mídia. Dentre os principais medicamentos mencionados, destaca-se a alta prevalência de automedicação com o uso de vitamina C e azitromicina. Destaca-se a necessidade de conscientização sobre os riscos da automedicação e intervenções para promover o uso responsável de medicamentos entre estudantes durante a pandemia.

Descritores: *Automedicação; Universitários; COVID-19.*

ABSTRACT

To assess self-medication among humanities students during the COVID-19 pandemic. The study was conducted at the Federal University of Western Bahia (UFOB). Of the 863 humanities students who met the pre-established inclusion and exclusion criteria, 270 students formed the sample. A questionnaire was administered covering demographic characteristics, knowledge, causes and practices of self-medication. The study was approved by the UFOB Research Ethics Committee, CAAE No. 59217822.0.0000.8060. The majority of participants were aged between 18 and 24, predominantly female and single. Although the majority reported knowledge, the results of the questionnaire showed little or insufficient knowledge. The main reasons for self-medication were fear of infection and influence from friends and the media. Among the main drugs mentioned, there was a high prevalence of self-medication with the use of vitamin C and azithromycin. The need to raise awareness about the risks of self-medication and interventions to promote the responsible use of medicines among students during the pandemic is highlighted.

Keywords: *Self-medication; University Students; COVID-19.*

RESUMEN

Evaluar la automedicación entre estudiantes de humanidades durante la pandemia de COVID-19. El estudio fue realizado en la Universidad Federal del Oeste de Bahia (UFOB). De los 863 estudiantes de humanidades que cumplieron los criterios de inclusión y exclusión preestablecidos, 270 estudiantes formaron la muestra. Se administró un cuestionario que abarcaba características demográficas, conocimientos, causas y prácticas de automedicación. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética de la Investigación de la UFOB, CAAE nº 59217822.0.0000.8060. La mayoría de los participantes tenía entre 18 y 24 años, eran predominantemente mujeres y solteras. Aunque la mayoría declaró tener conocimientos, los resultados del cuestionario mostraron conocimientos escasos o insuficientes. Las principales razones para automedicarse fueron el miedo a la infección y la influencia de los amigos y los medios de comunicación. Entre los principales fármacos mencionados, destaca la alta prevalencia de automedicación con el uso de vitamina C y azitromicina. Se destaca la necesidad de concienciar sobre los riesgos de la automedicación y de realizar intervenciones para promover el uso responsable de los medicamentos entre los estudiantes durante la pandemia.

Descriptores: *Automedicación; Estudiantes Universitarios; COVID-19.*

¹ Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras/BA - Brasil.

² Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras/BA - Brasil.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)¹, a automedicação é caracterizada pela autosseleção e autoadministração de medicamentos para tratar doenças ou condições autodiagnosticadas. Embora o indivíduo tenha a intenção de se cuidar com essa prática, isso pode gerar riscos e trazer problemas futuros, principalmente no que se refere à interação medicamentosa, reações adversas, falhas terapêuticas e erros de medicação, sendo ela apontada como a principal responsável pelas intoxicações por fármacos registradas no Brasil². No Brasil, oitenta milhões de pessoas optam pela automedicação, expondo-se, de tal forma, aos riscos citados acima. Assim, o uso indiscriminado de medicamentos é uma das grandes barreiras enfrentadas pela saúde pública no país^{3,4}.

Dados do Conselho Federal de Medicina indicam que 77% dos brasileiros fazem uso de medicamentos sem qualquer orientação médica⁵. Nesse contexto, durante o período da COVID-19, o Sistema Único de Saúde (SUS) enfrentou um aumento significativo na demanda, resultando em congestionamento e uma situação crítica que dificultou o acesso aos serviços de saúde⁴. Além disso, a pandemia desencadeou uma busca crescente por métodos de prevenção da infecção pelo coronavírus, incluindo o uso de medicamentos sem eficácia comprovada e sem prescrição médica. Esse cenário foi exacerbado pelo medo, ansiedade e outras manifestações psicológicas observadas durante o período de emergência sanitária⁶.

Nesse contexto, os medicamentos mais utilizados durante a pandemia, neste período, foram: ivermectina, hidroxiquina sulfato, ibuprofeno, paracetamol, dipirona sódica, colecalciferol (vitamina D) e ácido ascórbico (vitamina C), que acarretam riscos à saúde de pessoas que fazem seu uso sem indicação médica. A exemplo, a ivermectina e a hidroxiquina sulfato, cujo uso inadequado pode prejudicar o funcionamento do fígado⁷. Nesse contexto, os principais riscos ocasionados pela prática da automedicação são: o acúmulo indevido do fármaco no organismo, potenciais interações medicamentosas, erro de dosagem, inadequação do tempo de tratamento, ocorrência de efeitos adversos graves e o autodiagnóstico incorreto⁸.

Assim, medicamentos foram atribuídos como importantes no processo de profilaxia, cura e/ou tratamento da doença, gerando um aumento na prática da automedicação em relação a alguns fármacos e que, por conseguinte, pode submeter o paciente a perigos à sua saúde gerados pela infodemia⁹. A prescrição e o uso desses medicamentos off-label, para tratar ou prevenir a COVID-19, recebeu contornos de grande credibilidade, quando o “tratamento precoce” e o “kit-COVID” foram divulgados e o seu uso incentivado amplamente nas mídias sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) por profissionais médicos, autoridades públicas e nas páginas oficiais de internet de Secretarias de Saúde, Ministério da Saúde e Governo Federal do Brasil¹⁰.

Dessa forma, a Política Nacional de Medicamentos – PNM busca fazer com que os indivíduos façam o uso racional de medicamentos. Ela abrange como conceito um conjunto de diretrizes governamentais que visa garantir o acesso justo e seguro aos medicamentos pela população, abordando regulação, produção, distribuição, controle de qualidade e promoção do uso racional dos medicamentos. Seu objetivo é promover a equidade no acesso aos fármacos, monitorando a cadeia de produção, incentivando a

pesquisa e a educação sobre o uso adequado de medicamentos. Somado a esses fatores, o farmacêutico desempenha um papel de grande valia, promovendo a eficácia, qualidade e segurança de pacientes na dispensação de medicamentos, garantindo a conscientização e diminuição da automedicação na população brasileira¹¹.

Nesse ínterim, compreender a extensão da automedicação entre estudantes universitários pode ser uma contribuição valiosa para o Ministério da Saúde e para as instituições de ensino superior, proporcionando dados essenciais para o desenvolvimento de estratégias eficazes de monitoramento e prevenção¹². Ademais, pode auxiliar na aplicação de medidas cabíveis para reduzir o uso inadequado dos medicamentos em situações pandêmicas por doenças infecciosas, como foi o caso da COVID-19¹³. Diante disso, este estudo teve como objetivo avaliar a automedicação em estudantes da área de humanas durante a pandemia de COVID-19.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo observacional, com delineamento transversal, que propõe avaliar a prática da automedicação em estudantes da área de humanas durante a pandemia de COVID-19. Esse estudo tem uma proporção maior, englobando outras duas estudantes da universidade. As mesmas estão pesquisando e analisando os outros dois centros vigentes na UFOB, que são eles: Centro das Ciências Biológicas e da Saúde e o Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias. Nesse contexto, teve como foco somente os alunos da instituição federal presente na cidade de Barreiras, Bahia.

A pesquisa ocorreu com discentes da área de humanas da Universidade Federal do Oeste da Bahia, no período de agosto a dezembro de 2023, com os cursos vigentes, sendo eles: Direito, Administração, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, História (Licenciatura e Bacharelado) e Geografia (Licenciatura e Bacharelado).

A composição da amostra foi do número de estudantes matriculados nos 7 (sete) cursos de graduação, identificados na própria instituição: 863 até dezembro de 2023. Dessa forma, a amostra mínima foi calculada considerando-se erro amostral de 5% e intervalo de confiança de 95%, totalizando 270 universitários.

Os dados foram obtidos via questionário múltipla escolha impresso. O mesmo foi criado a partir de dados da literatura, com questões relacionadas às Características Demográficas, Conhecimento sobre a Automedicação, Causas da Automedicação durante a pandemia da COVID-19 e Prática da Automedicação. As questões foram aplicadas aos participantes do estudo pela estudante responsável pela pesquisa de sala em sala.

Os critérios de inclusão necessários para participar da pesquisa foram: ter 18 anos ou mais e estar com sua matrícula ativa no curso. E no que tange aos critérios de exclusão, foram excluídos do estudo os alunos que não possuíam maioridade (18 anos), alunos de outro centro e discentes com limitações que os impossibilitem de entender e responder perguntas e que, por quaisquer motivos, se recusassem a participar da pesquisa. Os dados obtidos foram analisados empregando-se o *Software Package for Social Sciences* (SPSS for Windows, version 19.00) e Excel (Microsoft Corp. Estados Unidos), permitindo o processamento, a análise e a tabulação dos dados e a construção de gráficos e de tabelas da pesquisa.

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFOB sob CAAE nº 59217822.0.0000.8060, com o parecer nº 6.033.418. Além disso, ressalta-se que a pesquisa respeitou a Resolução nº 466/2012, que compreende a pesquisa científica com seres humanos. Ressalta-se que foi garantido o anonimato dos voluntários participantes e a liberdade de continuar ou não participando do projeto. Além disso, foi validada a dignidade humana bem como os direitos e deveres dos incluídos.

Essa pesquisa proporcionou dados importantes para a sociedade acadêmica, bem como há a possibilidade de vir a servir de molde de embasamento para possíveis intervenções junto aos órgãos competentes e novas pesquisas com o mesmo eixo temático.

RESULTADOS

Participaram do estudo 270 discentes, sendo 54 estudantes de cada curso, dos cinco cursos de graduação da área de humanas da Universidade Federal do Oeste da Bahia. No que se refere à idade dos participantes, demonstrou que a maior parte se encontrava entre 18 a 24 anos, 208 (77%). O gênero mais expressivo da amostra foi o feminino (n=170; 63%); estado civil solteiro, 256 (94,8%); e em sua maioria não apresentaram positividade para a COVID-19, 116 (43%), conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 - Características demográficas de estudantes da área de humanas na UFOB em 2023 (n=270).

Idade		
Variável	N	%
<24	208	77
25-34	54	20
35-44	7	2,6
45-54	1	0,4

Gênero		
Variável	N	%
Feminino	170	63
Masculino	100	37

Estado Civil		
Variável	N	%
Casado	14	5,2
Solteiro	256	94,8

Você teve COVID?		
Variável	N	%
Não	116	43
Sim	94	34,8
Não Sei	60	22,2

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Nos dados expostos na Tabela 2, evidencia-se o conhecimento sobre a automedicação entre estudantes da área de humanas da UFOB. Em sua maior parte, os discentes já ouviram falar sobre a automedicação, 261 (96,7%), mas, os mesmos, apresentam conhecimento insuficiente, 158 (58,5%), tendo maior frequência a nota 5 atribuída à avaliação sobre o seu conhecimento, 59 (21,9%) e a maioria tem consciência que a automedicação pode causar danos à saúde, 256 (94,8%).

Tabela 2 - Conhecimento sobre a automedicação de estudantes da área de humanas na UFOB em 2023 (n=270). Você já ouviu falar sobre a automedicação?

Variáveis	N	%
Não	7	2,6
Sim	261	96,7
Não sei	2	0,7

Qual o seu conhecimento sobre automedicação?		
Variáveis	N	%
Conhecimento insuficiente	158	58,5
Conhecimento suficiente	112	41,5

Avalie de 1 a 10 o seu conhecimento, sendo 10 o seu domínio completo sobre a automedicação para COVID-19		
Variáveis	N	%
1	22	8,1
2	13	4,8
3	27	10
4	41	15,2
5	59	21,9
6	34	12,6
7	39	14,4
8	24	8,9
9	3	1,1
10	8	3

A prática de automedicação pode causar danos à saúde?		
Variáveis	N	%
Não	3	1,1
Sim	256	94,8
Não sei	11	4,1

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A Tabela 3 apresenta as causas da automedicação durante a pandemia da COVID-19, demonstrando que os estudantes tinham o medo de se infectar ou ter contato com caso suspeito ou conhecido da doença, 189 (70%); o medo do isolamento e de ficar em quarentena, 144 (53,3%); apresentou pelo menos um sintoma relacionado à COVID-19, 165 (61,1%); atraso no recebimento de tratamento nas unidades de saúde, 123 (45,6%); influência de amigos ou parentes para praticar a automedicação e prevenir a doença, 142

(52,6%); influência da televisão, rádio, jornal e mídia social também foi um agravante, 137 (50,7%).

Tabela 3 - Causas da automedicação durante a pandemia da COVID-19 de estudantes da área de humanas na UFOB em 2023 (n=270).

Medo de infecção ou contato com caso suspeito ou conhecido para COVID-19		
Variáveis	N	%
Não	49	18,1
Sim	189	70
Não sei	32	11,9
Medo de ficar de quarentena ou isolamento se eu contrair a COVID-19		
Variáveis	N	%
Não	97	35,9
Sim	144	53,3
Não sei	29	10,7
Apresentou pelo menos um sintoma relacionado à COVID-19		
Variáveis	N	%
Não	86	31,9
Sim	165	61,1
Não sei	19	7
Atraso no recebimento de tratamento nas unidades de saúde		
Variáveis	N	%
Não	91	33,7
Sim	123	45,6
Não sei	56	20,7
Influência de amigos ou parentes para praticar a automedicação e prevenir a COVID-19		
Variáveis	N	%
Não	105	38,9
Sim	142	52,6
Não sei	23	8,5
Influência da televisão, rádio, jornal e mídia social pode levar à automedicação para COVID-19		
Variáveis	N	%
Não	113	41,9
Sim	137	50,7
Não sei	20	7,4

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A Tabela 4 mostra como foi a prática da automedicação desses estudantes no período pandêmico, com os seguintes resultados relevantes: 177 (65,6%) se

automedicaram para COVID-19 ou outro problema de saúde nos últimos dois anos sem prescrição de um profissional qualificado. Os medicamentos que foram mais usados nesse intervalo de tempo foram vitamina C 64 (23,7%), azitromicina 44 (16,3%), produtos à base de plantas 38 (14,1%), vitamina D 13 (4,8%), 87 (32,2%) tiveram indicação de um amigo ou parente. Dos medicamentos utilizados, 79 (29,3%) se auto prescrevem, 228 (84,5%) adquiriram os mesmos em farmácias e 267 (98,9%) não continuam fazendo uso de algum medicamento para a COVID-19.

Tabela 4 - Prática da automedicação de estudantes da área de humanas na UFOB em 2023 (n=270).

Você se automedicou para COVID-19 ou outro problema de saúde nos últimos 2 anos sem prescrição de profissional qualificado?		
Variáveis	N	%
Não	92	34,1
Sim	177	65,6
Não sei	1	0,4
O que você usou para se automedicar?		
Variáveis	N	%
Antidepressivos	13	4,8
Azitromicina	44	16,3
Cloroquina	3	1,2
Hidroxicloroquina	9	3,3
Ivermectina	8	3
Outros	43	15,9
Produtos à base de plantas	38	14,1
Relaxantes musculares	26	9,6
Vitamina C	64	23,7
Vitamina D	13	4,8
Zinco	9	3,3
Quem indicou o(s) medicamento(s) para você?		
Variáveis	N	%
Atendente de farmácia	18	6,7
Eu	79	29,3
Farmacêutico	42	15,5
Médico da unidade de saúde	44	16,3
Um amigo ou parente	87	32,2
Onde você adquiriu o medicamento?		
Variáveis	N	%
Farmácia	228	84,5
Hospital	16	5,9
Internet	1	0,4
Outros	22	8,1
Vendedor ambulante	3	1,1

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

DISCUSSÃO

A automedicação é uma prática muito frequente, considerada universal entre diferentes sociedades e as diferentes populações, independentemente do grau de desenvolvimento socioeconômico¹³. Nesse contexto, dois estudos também têm demonstrado que essa prática é alta entre os acadêmicos^{14,15}. Franco et al. (2009)¹⁶ observaram que em todos os cursos de graduação por ele investigado, independente da área de conhecimento e do ano em questão do curso, o resultado da prática da automedicação foi significativo¹⁴. Ao correlacionar os achados deste estudo com pesquisas anteriores na literatura, é possível identificar várias semelhanças e contribuições para o entendimento das características demográficas de estudantes. Segundo dados do Censo da Educação Superior, coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de mulheres que ingressaram no ensino superior supera o de homens, de acordo pesquisa divulgada do ano de 2022. O INEP confirma ainda que essa forte presença feminina está atrelada aos cursos de ciências humanas. Outro fator correspondente é a idade, que varia de 19 a 23 anos em instituições de ensino presencial¹⁷.

Em relação ao conhecimento sobre automedicação, Melo et al. (2021)¹² destacam a falta de programas educacionais e de conscientização sobre o uso responsável de medicamentos, especialmente durante situações de crise sanitária. Essa lacuna na educação em saúde foi evidenciada neste estudo, no qual uma proporção significativa de estudantes indicou ter conhecimento insuficiente sobre automedicação e seus riscos associados. Portanto, os achados deste estudo corroboram a necessidade de desenvolver e implementar estratégias eficazes de educação em saúde para prevenir a automedicação entre os estudantes universitários.

Ao comparar os resultados deste estudo com pesquisas anteriores na literatura, é viável reconhecer diversas similaridades e avanços que contribuem para o entendimento da automedicação durante a pandemia da COVID-19 entre estudantes universitários. Estudos anteriores, como o realizado por Alves et al. (2022) e Branco et al. (2023)^{18,19}, também destacaram a prevalência do uso de medicamentos sem prescrição médica entre jovens adultos durante o contexto da pandemia. Os resultados encontrados por esses autores corroboram os achados deste estudo, evidenciando uma preocupação generalizada com a automedicação entre estudantes universitários.

Além disso, Silva, Jesus e Rodrigues (2021)²⁰ apontam para a influência de fatores sociais e de mídia na prática da automedicação, o que está alinhado com os resultados deste estudo, o qual apresentou que a influência de amigos, parentes e mídias sociais foi identificada como um dos motivos para a automedicação entre os estudantes. Essa constatação reforça a importância de abordar não apenas os aspectos individuais, mas também os contextos sociais e culturais que influenciam as decisões de saúde dos indivíduos. Ademais, Viana (2020)²¹ relata que a demanda por serviços psicológicos e outras áreas da saúde tem aumentado significativamente nos últimos cinco anos, conforme dados apresentados no seu artigo. Esse crescimento levou os órgãos reguladores a desenvolver medidas para ajustar a prestação desses serviços, com o objetivo de ampliar o acesso da população e garantir a qualidade do atendimento.

Correlacionando os resultados, em um estudo conduzido no Peru, 51,3% (n=368) dos universitários participantes havia se automedicado com medicamentos relacionados à COVID-19 devido a sintomas como dor de cabeça, dor de garganta e febre²². Outro estudo, conduzido no Paraná, demonstrou que 52,54% (n=59) dos estudantes universitários realizaram automedicação com algum dos medicamentos especulados para COVID-19 e ainda informaram acreditar na eficácia apesar de não haver resultado clínico comprovado em humanos²³. Destes, 35,59% ainda acreditam que não há malefício à saúde no uso destes medicamentos, evidenciando um resultado preocupante devido ao potencial de causar efeitos adversos que todos os medicamentos possuem.

Alguns medicamentos têm sido apresentados como a solução no combate à doença, porém, o uso de medicamentos sem fortes evidências que comprovem seus benefícios pode gerar riscos e consequências irreversíveis para a saúde do paciente²⁴. A cloroquina e hidroxicloroquina são medicamentos utilizados no tratamento da malária, doenças reumatológicas e lúpus²⁵. Entretanto, devido à divulgação de informações sobre estudos envolvendo a cloroquina e hidroxicloroquina como tratamento para a COVID-19, teve-se um aumento expressivo nas vendas desses medicamentos. Em 2019 foram vendidas 55 milhões de caixas contra 91,6 milhões de caixas no ano de 2020¹².

Dessa forma, é evidente a importância de orientações sobre a utilização de medicamentos de forma correta e sem que haja riscos para a pessoa que os consome. O farmacêutico é um dos responsáveis por garantir proteção ao cidadão, de maneira a incentivar um maior cuidado. Ele desempenha um papel crucial no controle dos medicamentos e na orientação daqueles que deles necessitam. A atenção farmacêutica, caracterizada por uma vigilância constante na monitoria dos pacientes, desempenha um papel fundamental na redução da automedicação, tanto durante pandemias quanto em períodos regulares. Essa abordagem centra-se na humanização do cuidado com a saúde relacionada ao uso de medicamentos, indo além dos sintomas ou da condição apresentada no momento. Envolve um conhecimento profundo do paciente, incluindo histórico médico, familiar e ambiental.

Assim, as principais respostas aos objetivos do estudo destacam a importância de aumentar a conscientização sobre os riscos da automedicação, identificar e abordar os determinantes comportamentais para essa ação e desenvolver intervenções eficazes para promover o uso responsável de medicamentos entre os estudantes universitários durante um período pandêmico e no cotidiano desses estudantes. Essas descobertas têm implicações significativas para a saúde pública e podem orientar futuras pesquisas e políticas de saúde voltadas para a redução da automedicação e a promoção da saúde entre essa população específica.

CONCLUSÃO

Observou-se que a automedicação é bastante comum nesta população de estudantes da área de Ciências Humanas da UFOB, em Barreiras-BA. Uma contribuição importante deste trabalho diz respeito às influências que levam à prática da automedicação. Ou seja, amigos, vizinhos e familiares, da propaganda, de farmacêuticos ou funcionários da farmácia que influenciam significativamente estudantes da área de humanas. O estudo trouxe algumas limitações, como a dificuldade de obter o quantitativo

de discentes para a pesquisa por ser um questionário impresso. Sugiro que novas pesquisas sejam feitas via questionário online, de modo que facilite a busca desses dados. Destaca-se a necessidade de conscientização sobre os riscos da automedicação e intervenções para promover o uso responsável de medicamentos entre estudantes. Por fim, estes dados podem ser utilizados na produção de estratégias de ensino e pesquisa voltadas à promoção do uso racional de medicamentos e conscientização sobre a prática da automedicação, não só em períodos pandêmicos, mas também no cotidiano.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. O papel do farmacêutico no autocuidado e na automedicação: relatório do 4º Grupo Consultivo da OMS sobre o Papel do Farmacêutico, Haia, Holanda, 26-28 de agosto de 1998.
2. Oliveira A, et al. Intoxicação medicamentosa relacionada à tentativa de autoextermínio. *Rev Inic Cient Ext.* 2019;2(2):102-8.
3. Souza TT, et al. Morbidade e mortalidade relacionadas a medicamentos no Brasil: revisão sistemática de estudos observacionais. *Rev Ciên Farm Bás Aplic.* 2014 out.;35(4):519-32. Disponível em: <https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/82>. Acesso em: 12 agosto 2023.
4. Nogueira D, et al. Pandemia por covid-19 no Brasil: análise da demanda e da oferta de leitos hospitalares e equipamentos de ventilação assistida segundo diferentes cenários. *Cad Saúde Púb.* 2020;36(6).
5. Noronha T. Pesquisa aponta que 77% dos brasileiros têm o hábito de se automedicar [Internet]. *Crfsp.org.br*. Disponível em: [<https://www.crfsp.org.br/noticias/10535-pesquisa-aponta-que-77-dos-brasileiros-t%C3%A3o-o-h%C3%A1bito-de-se-automedicar.html>]. Acesso em: 20 maio 2024.
6. "Kit Covid é eficaz? Quais são os riscos? – Hospital Santa Helena". Disponível em: [<https://hospitalsantahelenagoiania.com.br/sem-categoria/kit-covid-e-eficaz-quais-sao-os-riscos/>]. Acesso em: 27 maio 2024.
7. Prudencio JVL, Marques JHM. Risks of self-Medication during covid-19. *Rev Cient*, 2022;1(1).
8. Mergulhão A, Castro R. Aplicativo de Pazuello sugere “tratamento precoce” com cloroquina para sintomas de Covid-19. *Época.* 2021 Jan 20.
9. DIB Instituto de Desenvolvimento Institucional Brasileiro [Internet]. IDIB. 2019 [27 de dezembro de 2023]. Disponível em: <https://idib.org.br/>.
10. Medicamentos D. Política Nacional [Internet]. 2001. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_medicamentos.pdf.
11. Yasmin, et al. Self-medication practices in medical students during the Covid-19 pandemic: a cross-sectional analysis. *Front Pub Health.* 2022;9:803937.
12. Melo, et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da Covid-19. *Cad Saúde Púb.* 2021;37(4).
13. Dhamer T, Dal-Molin AP, Helfer AP, Carneiro M, Possuelo LG, Kauffmann C, Moura Valim AR. A automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde em uma universidade privada do estado do Rio Grande do Sul. *Rev Epidemiol Control Infect.* 2012;2(4):138-40.
14. Jesus APGAS, Yoshida NCP, Freitas JGA. Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia. *Rev Elet Farm.* 2013;40(2):151-64.
15. Damasceno D, et al. Automedicação entre graduandos de enfermagem, farmácia e odontologia da Universidade Federal de Alfenas. *REME: Rev Min Enferm.* 2007;11(1):48-52.
16. Franco IS, Rangel MP, Mella Junior SE. Avaliação da automedicação em universitários. In: *Anais do IV Encontro Internacional de Produção Científica.* Maringá: Centro Universitário de Maringá; 2009.

17. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Superior - Resultados. Disponível em: [<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>]. Acesso em: 27 maio 2024].
18. Alves LF, et al. O consumo de zolpidem durante a pandemia da COVID-19: benefícios e consequências. *Rev Liberum Accessum*. 2022;14(4):42-52.
19. Branco L, et al. Automedicação durante a pandemia de Covid-19 e fatores associados. *Research, Society and Development*. 2023 jan.;12(2):e11212239924. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i2.39924>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39924>. Acesso em: 27 maio 2024.
20. Silva AF, Jesus JSP, Rodrigues JL. G. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Rev Ibero-Amer Hum, Ciên Educ*. 2021 abr.;7(4):2675-3375. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i4.1038>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1038>. Acesso em: 7 setembro 2023.
21. Vista do atendimento psicológico online no contexto da pandemia de covid-19 [Internet]. Ce.gov.br. 2024 [citado 2024-08-13]. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/399/215>.
22. Miñan-Tapia A, Conde-Escobar A, Calderon-Arce D, Cáceres-Olazo D, Peñarios AJ, Donoso-Romero RC. Factores asociados a la automedicación con fármacos relacionados a COVID-19 en estudiantes de ciencias de la salud de una ciudad peruana. Pre-print. 2020. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.1225.
23. Andrade EA, Moreno VG, Lopes-Ortiz MA. Profile of use of medicines and self-medication, in a university population, in front of Covid-19 pandemic. *Braz J of Development*. 2021;7. DOI:10.34117/bjdv7n7-516.
24. Souza ASR, Amorim MMR, Melo ASO, Delgado AM, Florêncio ACMCC, Oliveira TV, et al. Aspectos gerais da pandemia de COVID-19. *Rev Bras Saúde Matern Infant* [Internet]. 2021 Acesso em: 27 maio 2024];21(1):29-45.
25. De Freitas S, De Jesus A, Pinho JS, Rodrigues JLG. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Rev Ibero-Ame Hum, Ciên Educ*.2021;7(4):938-43.